

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

CONTRASTES DEMOGRÁFICOS DO RIO GRANDE DO SUL DENSIDADES DEMOGRÁFICAS: OS VAZIOS E OS CHEIOS

Silvia Helena Ayres Chaves

Gervásio Rodrigo Neves

Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 174-175, dez., 1995.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38214/24596>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 1995

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

CONTRASTES DEMOGRÁFICOS DO RIO GRANDE DO SUL DENSIDADES DEMOGRÁFICAS: OS VAZIOS E OS CHEIOS

Silvia Helena Ayres Chaves
Gervásio Rodrigo Neves *

Não temos nos preocupado ultimamente com as questões demográficas do Rio Grande do Sul, o que é comprovável pela escassa bibliografia, e, conseqüentemente, com o seu significado, que traduz as mentalidades construtoras dos espaços diversificados do Estado, simultaneamente dinâmicos e atrasados. Ao comparar os resultados do mapeamento das densidades demográficas rurais de 1991 com o executado por Nilo Bernardes em 1950, constatamos que as paisagens rurais, sob o ponto de vista da população, permanecem congeladas.

Podemos sintetizar em dois grandes domínios as múltiplas diversidades da territorialidade gaúcha sob o ponto-de-vista da densidade rural: o vazio (pouco denso) e o cheio (ou denso) demográfico. O domínio do vazio demográfico rural é conceituado como inferior a 5 hab/km² e que se apresenta como um verdadeiro "deserto humano". Inserido nesse deserto humano podemos observar situações extremas como o *core de aridez*, sob o ponto de vista demográfico, entre o município de Quaraí e Sant'Ana do Livramento, apresentando densidades inferiores a 1 hab/km². Ao longo desse *core*, existe uma faixa como que um limite de proteção ao vazio, no qual se estende a isodensidade de 2 hab/km², que vai do município de São Borja ao de Rio Grande.

Sob o ponto-de-vista da Geografia Política, é uma área perigosamente vazia, cuja permanência é assegurada exclusivamente pela simetria demográfica ao longo das fronteiras com as repúblicas da Argentina e da Oriental do Uruguai. Um outro espaço vazio é definido pela isodensidade de 3 hab/km², que é interrompido por duas grandes ilhas: uma a partir de Restinga Seca, em direção NE e outra no eixo Pelotas-Canguçu-São Lourenço do Sul.

Os limites desse deserto demográfico são as densidades de 5 hab/km², onde predominam os campos. Além desse deserto demográfico *escorado* na fronteira e a ela vinculado, duas grandes ilhas de árido demográfico também persistem. A primeira, no topo do planalto basáltico, correspondendo ao eixo Lagoa Vermelha/Vacaria/Bom Jesus/São Francisco de Paula, e a outra na planície costeira, entre Arroio do Sal e Tavares.

O quadro do *deserto demográfico* gaúcho é impressionante pela área que domina. Corresponde a 56,85% do território gaúcho.

Comparando os resultados das populações municipais entre 1950 e 1991, observamos uma diminuição das populações rurais em alguns municípios da fronteira, o que comprova o efetivo esvaziamento das áreas demograficamente desérticas do Rio Grande do Sul, especialmente nas faixas paralelas às linhas de limites internacionais.

A noção de cheio é, demograficamente, imprecisa. Entretanto, no domínio da população, a imprecisão é um fato a ser considerado. O termo é aqui utilizado para designar áreas cujas densidades rurais em 1991 foram agrupadas segundo três classes; a.) densidades fracas, entre 10 e 20 habitantes/km²; b.) densidades médias, entre 20 e 30 habitantes/km²; e c.) densidades fortes, superiores a 30 habitantes/km².

O Rio Grande do Sul esboça um quadro geral dos cheios demográficos que não apresenta significativas modificações comparativamente às observações feitas por NILO BERNARDES. O limite do cheio pode ser estabelecido a partir da densidade de 20 hab/km², que corresponde aos espaços das antigas florestas subtropicais úmidas que foram arroteadas no processo de colonização, originalmente constituído por populações imigrantes e, depois, decorrente das migrações internas causadas pelo crescimento vegetativo.

É possível classificar o *cheio* em dois conjuntos distintos, comparando as áreas de altas densidades rurais com as taxas de crescimento demográfico. Seriam elas as: a) áreas com alta densidade demográfica (10 e mais hab/km²), com baixo ou nulo crescimento demográfico, o que identifica um profundo processo de "despovoamento" com sérias conseqüências. Poderíamos designá-las de áreas rurais deprimidas; b) áreas com alta densidade demográfica e altas taxas de crescimento demográfico (3% ou mais ao ano), o que identifica um processo de *inchaço*, o que, conseqüentemente, aponta para crise de crescimento.

É nessas áreas que se esboça o Rio Grande do Sul do futuro e onde os problemas sociais se oporão com mais radicalidade.

Respectivamente, formada em Geografia pela UFRGS, bolsista de iniciação científica (CNPq) e professor no Departamento de Geografia da UFRGS.